

O Pantanal nos caminhos planejados por Francis de Castelnau (séc. XIX)

Benone da Silva Lopes Moraes ¹

Maria de Fátima Costa ²

Arthur Santos da Silva ²

^{1,2}Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS,
A/C do Grupo de Pesquisa História Arte Ciência e Poder – HISARCIPO
Sala 62, Piso térreo, Campus Universitário
Av. Fernando Correa da Costa, nº 2367, Boa Esperança,
Cuiabá-MT, 78060-900
benonelopes@gmail.com
historiaartecienciapoder@ufmt.b

Resumo. A expedição francesa comandada pelo geógrafo Francis de Castelnau, que percorreu o continente sul-americano entre os anos de 1843 e 1847, deixou um rico legado cartográfico. Seus mapas foram publicados em Paris, em 1854, compondo a 5ª parte da obra produzida pela expedição que recebeu o título de “Géographie des parties centrales de l’Amérique du Sud”. Este atlas reúne 30 cartas duplas e textos que mostram em pormenores as áreas visitadas por estes franceses. Dentre estas, consta uma série dedicada à província de Mato Grosso. Para esta comunicação, selecionou-se o mapa intitulado “Carte de la province de Matto Grosso et d’une partie de la Bolivie.”, de autoria do próprio conde de Castelnau. A proposta é trazer alguns apontamentos iniciais desta pesquisa relacionados à maneira com que esta expedição apreendeu a província mato-grossense, em especial a área que hoje é conhecida como Pantanal, denominada por esse viajante como *Marais de Xarayes*. Além disso, serão apresentados alguns aspectos sobre o desenvolvimento da cartografia em meados do século XIX.

Palavras-chave: Expedição Castelnau, Cartografia Oitocentista, viajantes, Província de Mato Grosso, Pantanal.

Abstract. The French expedition led by the geographer Francis de Castelnau, which traveled through the South American continent from 1843 to 1847, left a rich cartographic legacy. Its maps were published in Paris between 1850 and 1859 in the fifth volume of the *Géographie des parties centrales de l'Amérique du Sud*, which comprised the works produced by the expedition. This atlas contains 30 double maps and texts that show, in detail, the areas visited by the French expedition. Among these maps, there is a series dedicated to the province of the Mato Grosso. For this essay, we selected a map titled *Carte de la province de Matto Grosso et d'une partie de la Bolivie*. (1854), drawn by the count of Castelnau himself. Our proposal here is to point out some initial observations of this research, about the way in which the expedition apprehended the Mato Grosso province, particularly the area today known as Pantanal, named *Marais de Xarayes* by the traveler. Additionally, we will present some characteristics of the development of cartography in the mid-19th century.

Key-words: Castelnau expedition, 19th century cartography, travelers, Mato Grosso province, Pantanal.

1. Introdução

Durante o século XIX, uma série de cientistas viajantes percorreu o território sul americano. As potências europeias buscavam se aproximar do governo imperial brasileiro e das novas repúblicas independentes enviando naturalistas com o objetivo de recolher dados sobre a fauna e flora da região, além de realizar trabalhos científicos das mais diversas áreas. A expedição comandada por Francis de Laporte, conde de Castelnau (1810? – 1880), objeto desta pesquisa, foi uma comitiva científica francesa dirigida pelo geógrafo Castelnau, trazendo como principais auxiliares o zoólogo e preparador E. Deville, o botânico H. A. Weddel e o engenheiro Eugène d'Osery. Dentre os anos de 1843 – 1847, essa equipe percorreu o interior da América do Sul, desde o Rio de Janeiro até Lima, via Bolívia, e de Lima ao Pará. Nessa viagem, uma das principais preocupações era a de realizar um completo levantamento cartográfico das regiões visitadas.

O foco deste trabalho recai sobre um dos mapas legados por essa expedição, a *Carte de la province de Matto Grosso et d'une partie de la Bolivie*, confeccionada por Francis de Castelnau (Castelnau, 1854, p. 5 a 8). Trata-se de uma das cartas geográficas que compõem a obra *Géographie des parties centrales de l'Amérique du Sud*, na qual se publica um conjunto de 30 cartas duplas e textos, sobre a geografia do interior da América Meridional. Busca-se perceber a maneira pela qual essa expedição apreendeu a província de Mato Grosso, em especial as regiões que se alagam durante o período de transbordamento do rio Paraguai.

Castelnau teve oportunidade de conhecer a região quando realizou o trajeto fluvial que levou a equipe francesa a fronteira do Brasil com o Paraguai, entre 27 de janeiro e 17 de maio de 1845. As viagens ao rio Paraguai foram amplamente registradas em texto e mapas, entretanto, para essa pesquisa, foram privilegiados a *Carte de la province de Matto Grosso et d'une partie de la Bolivie* e a narrativa escrita legada por Castelnau que descreve a passagem da expedição pela região contida no desenho do mapa. Esta última veio a luz pública nos volumes do *Histoire du Voyage* (Paris, 1850) e em 1949 foi traduzida e publicada no Brasil, em dois volumes, sob o título de *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Posteriormente, no ano 2000, a editora Itatiaia republicou em apenas um volume.

A proposta desse trabalho consiste em realizar uma comparação entre os mapas e textos produzidos por Castelnau para perceber de que maneira os expedicionários registraram a paisagem visitada durante a viagem de 110 dias, desde Cuiabá, capital da província de Mato Grosso, até o forte Olimpo a época pertencente ao Paraguai, e a viagem deste ponto até a Vila Maria do Paraguai, hoje Cáceres, sempre tomando o leito do Paraguai e alguns de seus afluentes como meios de transporte. Desta forma, buscou-se entender de que maneira Castelnau registrou em seu mapa a região conhecida hoje como Pantanal. Sabe-se que um dos objetivos da expedição era o de estabelecer uma rota fluvial entre as bacias do Amazonas e do rio da Prata, respectiva-

mente norte e sul do continente sul-americano, portanto as áreas próximas ao rio Paraguai são registradas na *Carte de la province...* de sua autoria, com vistas a estabelecer um mapa que oriente a navegação pela região e minimize os problemas conhecidos do trajeto, principalmente nas áreas pantanosas. Buscava, desta maneira, enfatizar as potencialidades da navegação no que seria “o meio do caminho” do seu projeto de rota comercial.

2. Objetivo

O objetivo deste breve artigo é apresentar algumas hipóteses iniciais relacionadas à maneira com que a Expedição Castelnau viu e apreendeu a província mato-grossense, em especial a imensa planície que se alaga durante as cheias do rio Paraguai, hoje conhecida como Pantanal, e desenhou na *Carte de la province de Matto Grosso et d’une partie de la Bolivie*. Além disso, serão apresentados alguns aspectos sobre o desenvolvimento da cartografia em meados do século XIX. É importante salientar que se trata de uma pesquisa inicial, portanto ainda em andamento, que está sendo desenvolvida na UFMT pelo grupo de pesquisa *História, Arte, Ciência e Poder – HISARCIPO*, com o financiamento do CNPq.

3. Material e Métodos

A metodologia desta pesquisa começa a partir de outro entendimento do que seria um mapa. Para o historiador, a partir dos ensinamentos de J. B. Harley (2005), o mapa é um objeto de poder que não representa um espelho da realidade. Assim, não interessa aqui perceber a fidelidade de seus dados topográficos, mas sim perceber quais os imperativos sociais, culturais e políticos que o seu autor aplicou, de maneira consciente ou não, ao desenhar o mapa. Dito de outra forma, ao analisar a *Carte de la province de Matto Grosso...* não se buscou apenas localizar a região do Pantanal, mas também observar que informações o autor selecionou para representar essa região, quais elementos que deu destaque e, também, quais elementos deixou de representar.

Além disso, temos que perceber o produto da cartografia como um texto não verbal, conforme afirma Harley

[...] Os mapas são textos no mesmo sentido em que o são outros sistemas de signos não verbais como os quadros, as gravuras, o teatro, o cinema, a televisão e a música. [...] Os mapas têm uma linguagem gráfica que se deve decodificar. Trata-se de uma construção da realidade, de imagens carregadas de intenções e consequências pelos quais se pode estudar as sociedades e seu tempo. Tal como os livros, os mapas são também produto das mentes individuais com os valores culturais mais amplos de sociedades específicas (Harley 2005, p. 62)

Outro autor importante para esta pesquisa é Marcello Martinelli (2011), cuja obra permite identificar e analisar os elementos da cartografia temática como sendo uma representação gráfica, assim é possível perceber o mapa como um conjunto de elementos selecionados, tratados e comunicados em uma linguagem bidimensional. O autor demonstra, ainda, que este ramo da cartografia já estava em desenvolvimento durante meados do século XIX, ou seja à época de Castelnau, mesmo que seus métodos só tenham sido definidos no fim dos anos de 1800. (Martinelli, 2011, p. 28)

Neste sentido, a cartografia legada por Castelnau deve ser vista no conjunto da obra. E, sendo esse estudo de caráter mais historiográfico, seguimos os preceitos da Nova História Cultural, que preconiza entre outras questões a interdisciplinaridade, e trabalhamos com os textos legados pela expedição Castelnau, a narrativa escrita, assim como a narrativa mapográfica. Nesse conjunto de abordagens é que estamos procurando entender a visão que esses expedicionários

franceses construíram sobre a província de Mato Grosso. Para isso, ambos foram realizados fichamentos temáticos e o conhecimento obtido foi sistematizado.

Importa acrescentar que esse trabalho, ainda em desenvolvimento, envolve perceber todos os aspectos da *Carte de la province de Matto Grosso...*, portanto os resultados aqui apresentados ainda estão sendo verificados no conjunto da obra desses expedicionários. Além disso, deve-se acrescentar que não é objetivo desta pesquisa fazer um georreferenciamento da carta de Castelnau. Deste modo os dados foram obtidos a partir da leitura do documento, **Figura 1**, que se encontra na Biblioteca Histórica do Itamaraty, Rio de Janeiro, sendo uma imagem de estudo e que não foi realizada nas especificações próprias para publicação.

4. Resultados e Discussão

Inicialmente, podemos observar os aspectos gerais da *Carte de la province de Matto Grosso...*, de 1854. Trata-se de um o desenho executado em quatro folhas duplas e, conforme as explicações dadas pelo próprio Castelnau, nele há algumas imprecisões. Está orientado no sentido norte-sul, o enquadramento escolhido compreende o território entre os 7° e 25° de latitude sul e entre os 54° e 68° de longitude, que tem como referência o meridiano de Paris, conforme consta na parte superior da carta. O centro desta carta é dedicado à província de Mato Grosso, que ocupa a maior parte do desenho e é o único espaço apresentado em sua totalidade.

Além desta província, no território denominado Império do Brasil, está indicado com seus limites tendo ao norte a província do Pará e ao sudeste as províncias de Goiás e de São Paulo. Fora do espaço brasileiro, vê-se a sudoeste parte da República da Bolívia e, ao sul, uma pequena porção da República do Paraguai.

Importa acrescentar que os elementos da carta estão dispostos de acordo com o que Marcello Martinelli chama de Cartografia temática qualitativa, ou seja, Castelnau selecionou elementos que queria representar neste mapa com vista a expressar a existência, localização e extensão dos caminhos e da malha fluvial. Neste sentido o mapa expressa a diversidade das condições de tráfego de pessoas e mercadorias no interior da província de Mato Grosso. (Martinelli 2011, p. 49)

Enquanto ao desenho, a carta é bastante limpa e sóbria o que permite que as poucas cores utilizadas ganhem destaque: de uma parte o colorido nuance ao roteiro feito por terra; a cor vermelha foi usada para indicar o trajeto realizado território brasileiro. Possivelmente, trata-se do percurso realizado entre novembro de 1844 e maio de 1845, quando a expedição deixa Goiás e por caminhos terrestres chega a Mato Grosso até alcançar a sua capital, Cuiabá, e daí ao norte da província, até Diamantino, para depois, de volta a Cuiabá, agora por caminhos fluviais, navegar parte pela bacia do rio Paraguai até se aproximar da fronteira com o Paraguai, retornando, agora em direção a Vila Maria, para uma vez mais por terra cruzar a fronteira com a Bolívia. (Castelnau, 2000, P. 301; Weddell, s/d, p.9).

Já para o trajeto levado a cabo em território boliviano, optou-se por indicá-lo nas cores azul, vermelho e verde. Tendo-se como referência o texto narrado no tomo terceiro da *Histoire du Voyage*; (Castelnau, s/d), percebe-se que a linha vermelha-azul assemelha-se ao trajeto feito por Castelnau e Deville, enquanto que o trajeto marcado em verde corresponde ao realizado por H. A. Weddell. Em vista disso, pode-se dizer que este mapa tem como tema as especificidades do trajeto desenvolvido pela expedição no território mato-grossense e parte do território boliviano. Portanto, esta carta temática destaca informações, detalhando a rota já apresentada em outros mapas do atlas *Géographie des parties centrales de l'Amérique du Sud*.

Os elementos coloridos de maior destaque são os contornos sombreados que formam a fronteira, sempre desenhada através de uma linha de duas cores. Deste modo, faz-se a separa-

ção entre a capitania de Mato Grosso e os demais territórios. No que diz respeito aos países, a cor verde foi empregada para o Brasil e amarelo para a Bolívia, enquanto o Paraguai recebeu a cor rosa; no interior do império brasileiro, São Paulo recebeu a cor amarela, enquanto Goiás ganhou a cor rosa. É interessante notar que a divisão com o Paraguai encontra-se incompleta e não existe uma linha separando as províncias do Pará e Mato Grosso, a divisão foi indicada através de texto.

Ao se analisar este mapa, principalmente o desenho da fronteira de Mato Grosso com as demais regiões apresentadas e com o Pantanal, vemos que algumas indagações se impõem, por exemplo: quais foram os mapas que a expedição utilizou como base para produzir as suas cartas?

Sabemos que Castelnau copiou mapas na capital do Império brasileiro¹. Sobre isso, há inclusive uma explícita referência na introdução da *Géographie des parties centrales de l'Amérique du Sud*, sobre as preciosas informações do curso do rio Paraguai que o próprio capitão Leverger, oficial francês a serviço do Brasil, lhe havia passado (Castelnau 1854, p. VIII). Entretanto, ainda não podemos afirmar com certeza qual a cartografia utilizada na confecção dos mapas da expedição Castelnau.

Há no desenho, próximo ao curso do rio Paraguai, áreas que foram preenchidas com um elemento gráfico monocromático representado através de um sombreado executado a partir da técnica de hachuras, ou seja, listras horizontais paralelas muito próximas que dão um efeito de sombra. Essas áreas se estendem pela margem esquerda do dito rio, e também acompanham os afluentes da margem esquerda. Toda essa área está enquadrada entre os meridianos de 57° e 61°, tendo como referência o meridiano de Paris e os paralelos 16° a 21° de latitude sul, que pode ser visto no destaque **Figura 1**. Existem ainda duas notas textuais que se destacam nessa área: “Marays de Xarayes”, próxima ao paralelo de 17°, e “Partie inondée pendant la saison des Pluies”, escrita na vertical entre os paralelos de 18° e 19°. Trata-se respectivamente de “Pântanos de Xarayes” e “Parcialmente inundada durante a estação das chuvas”. Além destas, com menor destaque, há ao norte uma área chamada de “Grand Pantanal”, e, ao sul de Poconé, e no extremo sul desta região entre os rios Taquri e Negro, ambos afluentes do Paraguai, a referência a “Pantanaès”. É sobre essas áreas que recai o foco desta pesquisa.

Entretanto, deve-se acrescentar que a carta não conta uma legenda formal que explica ou hierarquiza os elementos vistos no desenho. Assim, para compreendê-los, recorreremos à narrativa escrita. Que evidencia o trajeto feito pela expedição Castelnau na área destacada. Em seu texto, Castelnau conta que a expedição partiu da capital mato-grossense pelo rio Cuiabá, na tarde de 27 de janeiro de 1845, em “duas canoas grandes e bonitas, ambas feitas de um só tronco” cedidas pelo governo junto com uma pequena guarnição, remadores e guias (Castelnau, 1949, p. 224). Deste rio passaram ao São Lourenço e depois ao Paraguai, por onde navegaram até o forte Olimpo. Estando neste forte, ou seja já em território paraguaio, os expedicionários tentaram conseguir permissão para prosseguir a viagem, mas o visto lhes foi negado. Retornaram as terras brasileiras, pelo mesmo rio e tomaram o curso do Miranda até a pequena povoação de mesmo nome. De volta ao rio Paraguai navegaram em direção a Vila Maria, onde chegaram em 17 de maio.

¹ Conforme nos diz Mello-Leitão: *Durante os meses passados no Rio frequenta assiduamente Castelnau a nossa Biblioteca Nacional e bibliotecas particulares, lendo e estudando tudo que se pudesse relacionar com o fim da sua expedição, tendo a sua demora sido mais longa do que esperava, por ter adoecido gravemente.* (Mello-Leitão, 1941, p. 235)



Figura 1. Detalhe da *Carte de la province de Matto Grosso* (Castelnuau, 1854, p. 5 a 8)

Durante todo esse trajeto a equipe registrou a fauna, a flora, bem como aspectos das populações que viviam nessas áreas. Tudo isso em conformidade com os objetivos da expedição.

Sobre a sua descrição da região inundável que ocupa o coração geográfico da América do Sul, primeiramente, importa perceber o que os expedicionários entendem pelo termo “Pantanal”. Esta palavra surge na narrativa escrita meses antes dos viajantes chegarem à bacia do Paraguai, e representa uma área que se alaga próxima a um curso d’água e que na ocasião fazia parte do trajeto que a expedição estava fazendo por terra de Goiás até Cuiabá:

Do lado oposto do Sangradorzinho, cuja passagem, aliás, nos foi muito penosa, estende-se um **pantanal**, comprido de um meio quarto de légua, e semelhante a uma floresta submersa, cheio de plantas aquáticas, de folhas grandes. Foi-nos muito difícil atravessá-lo naquelas circunstâncias. (Castelnuau, 1949, p. 143) [grifo nosso]

Ao comparar com a mesma área vista no mapa, não há nenhuma indicação deste “patantal”. O mesmo acontece quando o autor fala da existência de áreas semelhantes próximas ao leito

do rio Cuiabá: “As praias do rio estavam cobertas pelas águas, que naquela estação inundam as margens até considerável distância, formando banhados temporários, conhecidos pelo nome de pantanais.” (Castelnuau, 1949, p. 225) No trecho correspondente desenhado no mapa não se vê nenhuma indicação de que se trata de uma área alagada. Mesmo assim, esta segunda referência, como tantas outras no texto escrito referente a Mato Grosso, revela que essas áreas alagadas são de caráter temporário. Aqui as informações do mapa e da narrativa são complementares, pois ambos apresentam esses dados-sobre o espraiamento dos rios no período das cheias. E, além disso, em ambos os documentos não se vê o uso da palavra “Pantanal”, para se referir a outras áreas semelhantes no Brasil ou nas repúblicas do Peru e da Bolívia².

Entretanto existe um trecho alagado que não recebe o nome de Pantanal, mas sim de “Mara-yas de Xarayes”, trata-se do ponto onde no mapa o rio São Lourenço deságua no Paraguai e, um pouco a norte, se vê no mapa as lagoas Guaiva e Uberaba. Sobre essa localidade do mapa, nosso autor explica na narrativa nos relatos do dia 29 de abril de 1845:

Continuando a subir o rio, alcançamos a cerca de uma légua do acampamento um ponto em que o Paraguai adquire enorme largura. Aí, o leito do rio é obstruído por uma quantidade de ilhas submersas, reconhecíveis apenas pelos topos das árvores que ultrapassavam a superfície das águas. Formava uma linda paisagem este imenso lençol líquido, perfeitamente tranquilo e semeado de bosquetes virentes. Depois de passarmos alguns trechos muito difíceis, em que o rio era obstruído por um sem número de árvores tombadas e de espessos ervaçais, alcançamos ao cabo de quatro horas de navegação as faldas dos montes Dourados, sem que pudéssemos descobrir qualquer passagem. Verificamos então que nos tínhamos perdido numa dessas mil baías que forma o rio Paraguai na época das enchentes, espraiando-se até onde a vista alcança. Achávamo-nos finalmente nos **pantanais de Xaraies**. (Castelnuau, 1949, p. 318) [grifo nosso]

A denominação desta área inundável como Xarayes é anterior a denominação de Pantanal, conforme aponta Maria de Fátima Costa (1999), se referindo ao seu estudo sobre o assunto:

Neste estudo trato da invenção do Pantanal. Ao realiza-lo, tomei como base as narrativas de cronistas e viajantes que visitaram as terras molhadas da baía alto-paraguaia. Procurei demonstrar que, por mais de dois séculos, a imensa planície inundável foi descrita e desenhada como a fabulosa *Laguna de los Xarayes* e que o *Pantanal* é uma invenção luso-brasileira realizada no transcorrer do século XVIII. (Costa 1999, p. 21)

Portanto, resta indagar os motivos pelo qual Castelnuau continuava a se referir à região inundada como Xarayes. A possibilidade mais forte é a de que a cartografia que esse expedicionário teve acesso sobre a região se referia a fabulosa lagoa. Neste sentido não se trata de um desconhecimento. Mas, ainda não temos os dados necessários para comprovar analisar a questão. Isto só será possível quando os mapas usados como base para a confecção da cartografia da expedição Castelnuau forem identificados, processo que ainda se encontra em andamento.

Outro tema que ganha visibilidade na narrativa escrita é a descrição da natureza, com a presença constante de plantas e, principalmente de animais. Estes, como onças, cobras e jacarés, muitas vezes, são relacionados ao medo que provocam, ou ainda aos sons que produzem na noite do Pantanal. Mosquitos também são temas frequentes, pelo incomodo que provocam. Por outro lado, pássaros e a constante referência a um peixe chamado pacu, que enriquece a alimentação dos europeus durante o trajeto, como pode se vê:

[...] Nesse trecho do rio começamos a encontrar um número prodigioso de peixes; tinham em geral o tamanho da carpa e pertenciam à espécie designada

2 Castelnuau refere-se ao “Chaco” em mapas e no texto escrito sobre a sua passagem pela Bolívia, mas que não vamos nos aprofundar aqui.

pelos brasileiros pelo nome de pacu. É excelente a carne deste peixe, de que alguns exemplares alcançam setenta centímetros de comprimento. Para pescá-los isca-se o anzol com alguma fruta, pois qualquer outro engodo seria devorado pelas piranhas, não obstante a abundância destas últimas não ser tão grande como no Araguaia e pertencerem elas a espécie diferente, de colorido cinzento. O pacu pertence ao gênero *Characinus de Artedi* e ao subgênero *Curimate de Cuvier*. (CASTELNAU, 1949, p. 230)

O lugar descrito caracteriza-se por fornecer uma farta de alimentação o que seria um ponto positivo para estabelecer uma rota de comércio. A constante referência a locais plantados nessa região, principalmente por índios, é também algo que contribui a esses argumentos. Entretanto, nada disso é visto no desenho da carta. Sobre essa ausência, importa acrescentar que diferentemente da cartografia Setecentista, os expedicionários do século XIX raramente apresentam a fauna e a flora em suas cartas, mas sim no conjunto da obra, como na narrativa, na iconografia ou nos trabalhos de botânica. Nos mapas de Castelnau, por exemplo, a natureza é vista apenas na hidrografia e no relevo. As pranchas com a paisagem do interior do Brasil foram publicadas em 1852 na segunda parte da obra legada pela expedição Castelnau, intitulada *Vues et scènes*. (Costa, 2013) Assim, o mesmo ocorre na área do Pantanal, onde a natureza da área é vista apenas no relevo e na hidrografia.

No que diz respeito às medidas usadas no mapa, nota-se que Castelnau faz a marcação da escala através do metro, tendo como referência de um para dois milhões (cm). O uso desta unidade de medida constitui um grande avanço para a produção cartográfica, pois nos séculos anteriores era comum a utilização de medidas que tinham como referência o corpo humano. O metro e suas subdivisões – centímetros, quilômetros etc – tem um valor fixo e a sua utilização contribuiu para a retórica cartográfica que apregoa um sentido de exatidão e cientificidade. Entretanto, na narrativa escrita, o autor utiliza a escala métrica apenas para medir o tamanho da calha dos cursos fluviais. As medidas referentes às distâncias e aos tamanhos tomam como referência o corpo humano, respectivamente léguas e pés. Os motivos para tal diferença ainda estão sendo estudados na nossa pesquisa, mas quiçá se deva as técnicas empregadas para medir, aos instrumentos usados, ou mesmo a escola de formação dos expedicionários. Mas essas hipóteses ainda carecem de dados mais sólidos para sua aferição.

O que podemos afirmar neste sentido, refere-se ao contexto da cartografia daquele período. Sabe-se que após a Revolução Francesa, houve um desejo, alimentado em parte por cientistas da França, de apagar o pensamento científico do Antigo Regime. Na cartografia essa pretensão se manifestou na forma de uma padronização daquilo que deveria constar nos mapas. Esse novo modelo foi exportado para diversos países e trazia consigo uma série de inovações, principalmente no que diz respeito aos ornamentos, às medidas e à representação do relevo. Quanto aos ornamentos, de um modo geral, estes passam a ser expressos apenas na maneira de escrever as letras usadas para a composição do título. A falta de ornamento visava destacar as características, como a precisão dos dados e a fidedignidade cartográfica. Sobre este momento da cartografia, Márcia M. Duarte dos Santos (2007) complementa:

As novas abordagens da cartografia dizem respeito à diminuição de uso de signos-símbolos e ao crescente emprego da visão vertical para o desenho dos signos. Trata-se de transformações importantes que irão causar impactos, sobretudo, na representação do relevo. Inicia-se a difusão, na cartografia europeia do século XIX, de alguns desenvolvimentos, frutos de novos paradigmas, propostos no final da centúria anterior, que iriam ampliar as formas de representação do relevo, tais como as hachuras, os sombreamentos e os registros das cotas de altitude. Praticava-se também alguns ensaios para trabalhar com curvas de níveis. (Santos, 2007, p. 65)

A *Carte de la province de Matto Grosso et d'une partie de la Bolivie* é um bom exemplo para ilustrar esta descrição dada por Santos para a cartografia Oitocentista. Ao desenhá-la Castelnau empregou a visão vertical, de maneira que o relevo exibe uma ideia de percepção de volume, obtida através do sombreamento. Mesmo assim, não se veem dados relacionados à altitude e a declividade. Em outras palavras, no mapa o sombreamento representa o relevo, que foi desenhado com vistas a ocupar exatamente a sua disposição no terreno, mas, como dito, a carta não se apresenta nenhuma indicação da medida da altitude dos acidentes geográficos. Acreditamos que com isso, o autor quis passar uma impressão de fidedignidade com o terreno e, principalmente, dar ênfase aos espaços divisores de água da região, o que pode indicar a busca por caminhos fluviais transitáveis. Isto, por sua vez, acompanharia uma visão utilitária do terreno vista na narrativa³, o que justifica a feitura de uma carta temática que destaca a rota feita em Mato Grosso e parte da Bolívia. Entretanto essa hipótese ainda carece de verificação.

Outro dado importante de se acrescentar é que Castelnau e d'Oseray faziam medições astronômicas para recolher dados da posição geográfica e assim produzir uma cartografia atualizada da região. Sobre o Pantanal, de acordo com a narrativa textual legada por Castelnau, durante o transcurso da viagem, houve seis lugares onde os expedicionários interromperam a viagem, as vezes até atrasando o ritmo, para cumprir a demanda de montar os instrumentos e tirar a posição geográfica através dos astros. O fato de citar a realização de medições indica que isso era uma constante durante a viagem. Além disso, deve-se acrescentar que a comitiva contava com um grande número de instrumentos científicos, são citados teodolito, óculo de alcance, barômetro, termômetros, etc. Isso implica em dar uma credibilidade científica aos dados da expedição.

Outro assunto que ganha relevo na narrativa escrita é a presença de diversas sociedades indígenas, cujos territórios localizavam-se na região que hoje é conhecida como Pantanal. Castelnau descreve Guaná, Guató, Guaikuru, Kadiuêu e Guarani-Caioá. Fazendo uma comparação com os dados vistos no mapa, nota-se que esses índios estão localizados relativamente próximos aos pontos descritos.

Entretanto, para perceber essas relações dos expedicionários com os indígenas, merece destaque a quantidade de elogios a que os Guató receberam por parte dos franceses. O autor não poupa palavras para atribuir a esses índios características que são interessantes aos europeus como, por exemplo, “republicanos”, possuem conhecimentos matemáticos, possuem uma beleza “caucasiana” e ainda não poupam elogios as mulheres guatós. Vejamos alguns exemplos na narrativa:

Partimos à tardinha, concordando os guatós em nos guiar até o lago Guaíva, em troca de algumas facas. Disseram-nos que aí procurariam outros guias para nos conduzirem adiante. Estávamos dentro de pouco rodeados de sete ou oito canoas, cada uma com um remador à proa, e uma mulher acocorada à popa, no governo.

A nação a que pertenciam os novos convivas, já referida rapidamente por nós, merece mais alguma atenção da nossa parte. Ela parece descender de um tipo bastante diferente do dos outros índios. Os homens tem barba, por vezes espessa, e o corpo não raro cabeludo; possuem olhos grandes, de aspecto caucásico, nariz aquilino e traços singularmente perfeitos. Andam nus, com exceção do pequeno pedaço de pano que trazem pendurado à cintura. Segundo observei, a inteligência neles é maior do que a comum entre os indígenas. Creem em Deus, e pensam que vão até este as almas dos que foram bons, ao passo que a dos maus é aniquilada. O sistema de numeração que usam é bem ordenado e muito semelhante ao nosso. (Castelnau, 1949, p. 319)

3 Conforme nos diz Mello-Leitão: *Durante os meses passados no Rio frequenta assiduamente Castelnau a nossa Biblioteca Nacional e bibliotecas particulares, lendo e estudando tudo que se pudesse relacionar com o fim da sua expedição, tendo a sua demora sido mais longa do que esperava, por ter adoecido gravemente.* (Mello-Leitão, 1941, p. 235)

Neste trecho podemos perceber que Castelnau e seus companheiros, referem-se aos índios como verdadeiros europeus do pantanal! Entretanto, dentro dos planos estabelecidos por esses expedicionários frente ao governo francês, os fatos de existir povos com tamanhas qualidades atestam a possibilidade de desenvolver uma rota comercial nestas terras.

5. Conclusões e Sugestões

Buscando estabelecer um conhecimento atualizado sobre as regiões entre o Equador e o Trópico de Capricórnio, os expedicionários sob o comando de Francis de Castelnau esquadriharam a região da Província de Mato Grosso. Uma das áreas visitadas foi a imensa planície alagável que hoje recebe o nome de Pantanal. Desta forma, percebe-se que esta área foi enquadrada pelos expedicionários em um projeto maior: o de estabelecer uma rota comercial navegável entre as bacias do Amazonas e do rio da Prata, o que permitiria, assim, uma ligação entre o norte e o sul do continente. Essas relações, entretanto, não são frutos de um trabalho puramente científico, o fato de que financiar uma expedição deste porte e com esta tecnologia ao interior da América do Sul, demonstra um interesse do governo francês em atualizar o conhecimento da região.

Assim, diante dos apontamentos relacionados ao estado da arte em que se encontrava a cartografia apresentada por Francis Castelnau em seus mapas, podemos provisória e previamente concluir que a *Carte de la province de Matto Grosso et d'une partie de la Bolivie* acompanha o que havia de mais moderno no trabalho de produção de mapas daquele período. Portanto, houve uma grande preocupação do autor em se alinhar com o padrão ditado pela escola francesa e desta forma atualizar o conhecimento obtido no Rio de Janeiro e em Mato Grosso traduzindo a visão do terreno para uma linguagem mais adaptada ao público francófono. Contudo, na questão do desenho do Pantanal, percebe-se que o mesmo era o “meio do caminho” para um projeto de navegação maior. Mas esse “meio” era em si viável, pois contava com fartura de animais e plantas que pudessem ser explorados, além de grande quantidade de mão-de-obra adaptada ao trabalho e aos costumes apreciados pelos europeus.

6. Agradecimentos

Temos muito a agradecer ao CNPq que viabiliza essa pesquisa, bem como a Universidade Federal de Mato Grosso que nos apoia e dá os espaços necessários para o desenvolvimento dessa investigação. Em especial, agradecer aos membros do *Grupo de Pesquisa História, Arte, Ciência e Poder*, pois o trabalho em conjunto só enriquece as reflexões individuais e potencializa a participação em eventos como este.

7. Referências

- Bajon, P. Michael. Une expedition meconnue en Amerique du Sud lá missionário Castelnau, o 1843-1847. In: LAISSUS, Yves. *Les naturalistes François em Amerique du Sud XVI-XIX siecles*. Paris: Éditions du CTHS, 2005.
- Castelnau, Francis de. *Géographie des parties centrales de l'Amérique du Sud*. Paris: Libraire P. Bertrand, 1854.
- Castelnau, Francis de. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Trad. Olivério M. de Oliveira Pinto. Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.
- Castelnau, Francis de. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Trad. Olivério M. de Oliveira Pinto. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- Castelnau, Francis de. *Expedición a las partes centrales de la América del Sur: tomo sexto -capítulos I-II-III*. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia: Fundación Nova, s/d.
- Castelnau, Francis de. *Expedición a las partes centrales de la América del Sur: historia del viaje: capítulos*

XXXII, XXXIII y XXXIV: región de Chiquitos, Monte Grande. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia: Fundación Nova, s/d [2011?].

Costa, Maria de Fátima. **A história de um país inexistente: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII.** São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. A Paisagem do Brasil representada por Francis de Catelnu. In: NAXARA, Márcia (org.). **Conceitos e linguagens: construções indenitárias.** São Paulo: Intermeios, Capes, 2013. P. 71-95.

Harley, J. B. **La nueva naturaleza de los mapas. Ensaio sobre la historia de la cartografía.** Tradução. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

Martinelli, Marcelo. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática.** São Paulo: Contexto, 2011.

Mello-Leitão, C. de. **História das Expedições Científicas no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

Oliveira Pinto, Olivério M. Viajantes e Naturalistas. In: Holanda, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II, Livro 3 - Relações e Transações.** São Paulo: DIFEL, 1976 (3ª ed). p. 444-466.

Santos, Márcia Maria Duarte dos. Técnicas e Métodos da Cartografia da América Portuguesa e do Brasil Império. In: COSTA, Antônio Gilberto (org.). **Roteiro prático de cartografia: da América portuguesa ao Brasil Império.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 51-81.

Weddell, H. A. Historia del viaje al Sud de Bolivia. In: Castelnau, Francis de. **Expedición a las partes centrales de la América del Sur: tomo sexto -capítulos I-II-III.** Santa Cruz de la Sierra, Bolivia: Fundación Nova, s/d.